

## GARIMPEIROS

**C**ONQUISTANDO de chofre o Brasil até Mato Grosso e Goiás, a mineração trouxe consigo, no bôjo, a figura singular do garimpeiro, personagem destinado a permanecer no Brasil, transformado num dos mais curiosos tipos de trabalhadores do país, amante que é da liberdade, da família, da solidariedade e da ordem, não obstante a aparente confusão do meio em que atua, longe, na faixa pioneira da mineração rudimentar. Surgido em pleno ciclo da mineração, cujo apogeu se situa nos meados do século XVIII, o garimpeiro é um tipo humano do Brasil, que encontrou, sobretudo nas áreas de quartzito de Minas Gerais, da Baía, etc., ricas em ouro e diamante, extensos horizontes de trabalho, com gêneros de vida opostos aos das planícies agricultadas, pedologicamente diversas, do litoral.

Quer se trate da zona dos garimpos do rio das Garças e do Araguaia, do Triângulo Mineiro ou da bacia do Paraguai, do Tibagi ou do Norte de Minas Gerais, da Mata da Corda ou do Alto Paraguassú, da Chapada do Assuruá ou da região limítrofe de Mato Grosso e Goiás, é o mesmo amor da liberdade o que se vê no garimpeiro diamantífero; o mesmo sentimento de solidariedade, o igual apêgo à família; idêntico o respeito pela propriedade alheia; repetido o singular conceito de honra, e característica a comprovada obstinação pela riqueza fácil; a mesma compleição robusta, a idade jovem e o espírito permanentemente aventureiro; quase as mesmas, as superstições, as vaidades e as vinditas.

Se bem que nem todos os garimpeiros sejam profissionais, isto é, possuidores de conhecimentos especializados, porque há os oportunistas atraídos pelos grandes resultados das extrações, pode-se dizer, de um modo geral, que no trabalho, o garimpeiro é auxiliado pela mulher, a qual participa com valentia, de tôdas as suas alegrias e de todos os seus infortúnios. Casos há, porém, em que o garimpeiro vive isolado nos garimpos, qual "moderno troglodita", como o encontrou HERMANN LIMA, por exemplo, nas Lavras Diamantinas da Baía.

Geralmente a norma de trabalho do garimpeiro é a mesma, postas de lado algumas modalidades locais, consoante a região considerada e o regime dos cursos d'água. ODORICO COSTA, fixou um flagrante dos processos habituais entre os garimpeiros do Tijuco: "Verificada a existência de "informações" ou "satélites" dos diamantes, os garimpeiros iniciam a exploração ou retirando o cascalho do leito do rio, por meio de escafandros ou por meio de mergulhadores de longo fôlego "sequistas" ou, ainda, por meio de grupiaras e monchões, abertos nas margens e nos terrenos vizinhos às margens".

"O cascalho é levado sobre três peneiras de crivos diferentes, em escala descendente, sendo a primeira peneira denominada "suruca".

Em regra geral, o equipamento do garimpeiro consta, da alavanca, enxada, carumbé, bateia de baco e peneiras, reduzindo-se a 5 tipos os serviços mais usuais: grupiara ou grapiara, às vezes também denominado itaipava; desmonte, cateamento, leito de rio e grunas.

Nos garimpos, como nos do Tijuco (Monte Alegre, Minas Gerais) a vida do garimpeiro oscila com a chegada da estação das chuvas. Verifica-se, assim, um êxodo periódico não só para os rios mais acessíveis ao trabalho de garimpagem, como para os garimpos em que os monchões — buracos abertos até um quilômetro das margens — permitem a prática normal dos serviços da exploração diamantífera. Transformador impenitente da paisagem, o garimpeiro logo ao chegar ao local escolhido para garimpar, inicia sua atividade "erosiva" realizando a "virada", isto é, a retirada do cascalho do leito do rio, até o ponto, às vezes, de desviar-lhe o curso. E no trabalho incessante do desmonte das margens, chega a cavar poços e realizar prodígios de destruição nas grupiaras, depósitos de cascalho em nível elevado, das quais o garimpeiro distingue duas sortes: a grupiara de serra e a grupiara de córrego.

Como modelador da paisagem cultural, o garimpeiro edifica povoações improvisadas, dispostas ao longo dos terrenos diamantíferos e à margem dos rios, ou a meia encosta dos vales.

Tais povoados denominados corrutelas são compostos de casas feitas de pau a pique, sem nenhuma idéia de solidez, quase sempre, e em geral cobertas de palha de coqueiros, de folhas de buriti ou indaiá. A corrutela é um aglomerado de habitações que se transforma às vezes, com milhares de habitantes, numa cidade humilde mas organizada.

No garimpo, milhares de homens encontram trabalho. Os próprios roceiros dispõem de mercados e negociam os seus produtos. Além disso, os carretos de cascalho são quase sempre grandes fontes de renda. Naturalmente, nem todos os aglomerados de garimpeiros se apresentam da mesma maneira, havendo alguns que se notabilizam por uma certa "alma" particular, bem própria, consoante a disparidade dos elementos que as constituem. Os garimpeiros do rio das Garças, afluente da margem esquerda do Araguaia, em Mato Grosso, são, por exemplo, de um nomadismo incorrigível, pelo que escreveu o Dr. GALENO AMERICANO DO BRASIL.

Excetuadas as grandes pedras, toda a produção dos garimpos é adquirida nos próprios locais de garimpagem pelos capangueiros, encarregados de casas compradoras do Rio de Janeiro, e quase sempre residentes nas cidades grandes situadas nas proximidades, como Uberlândia, o grande centro comprador de diamantes, em relação à região diamantífera do Triângulo Mineiro e sul de Goiás.

Pela imprevidência e gênero de vida que leva, o garimpeiro é um personagem análogo ao seringueiro da região amazônica. Enquanto não é favorecido pela sorte, na "roleta imensa" do Garimpo, vive permanentemente infusado, isto é, individado, tão cheio de compromissos para com os negociantes das proximidades, como o seringueiro em face da ganância do regatão. Pois que quase sempre é meia-praça, trabalha por conta de uma terceira pessoa, consoante o regime da parceria nos achados; em época de dificuldade, além do compromisso das meias, chega a dar, às vezes, todo o resto do seu direito, em penhor a outrem.

A vida nos garimpos é regulada por um código não escrito, mas conhecido e por todos respeitado. Neles, os garimpeiros tanto vivem em ranchos como em choças, ou em barracas de lona, morando aos grupos de dois ou mais indivíduos. O trabalho se prolonga por vezes além de 10 ½ horas de serviço. Na composição da população garimpeira, entram brasileiros de todos os rincões e de todos os matizes, numa predominância absoluta em relação ao elemento estrangeiro, acaso nela existente. Joviais e cavalheirescos ao seu modo, os garimpeiros são por outro lado, amantes da música e das dansas. Nas horas de descanso, quando o sol já desapareceu, o trabalho cede lugar às diversões e às canções dolentes, tocadas e às vezes cantadas em côro. Enquanto isso, ao som dos violões e do gemido plangente das sanfonas, a noite desce. A corrutela então mergulha na escuridão apenas interrompida pela luz bruxuleante das lamparinas.

